Red de Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal
Sistema de Información Científica

Maria Luiza Scrosoppi Persicano
Reflexões sobre a importância do psicodiagnóstico na atualidade
Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, vol. III, núm. 2, 2000, pp. 89-96,
Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental
Brasil

Disponível em: http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=233018266006

Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental,
ISSN (Versão impressa): 1415-4714
psicopatologiafundamental@uol.com.br
Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental
Brasil

Como citar este artigo | Fascículo completo | Mais informações do artigo | Site da revista

www.redalyc.org
Projeto acadêmico não lucrativo, desenvolvido pela iniciativa Acesso Aberto

Rev. Latinoam. Psicopat. Fund., III, 2, 88-97

Reflexões sobre a importância do psicodiagnóstico na atualidade*

Maria Luiza Scrosoppi Persicano

Propõe o psicodiagnóstico como o método psicodiagnóstico de pensamento. *É forma de pensamento própria e específica do psicólogo aplicado, que aqui é denominada esquema, estrutura, sistema ou processo de pensamento. O* pensamento psicodiagnóstico *é processo cognitivo, o qual, como tal, é tanto intelectivo quanto afetivo. Cognição é mais do que inteligência e qualquer cognição é antes de tudo atitude afetiva.*

Palavras-chave: Psicodiagnóstico, método, pensamento, cognição

* Versão revista e ampliada de Conferência de Abertura do I Simpósio de Psicodiagnóstico das FMU, São Paulo, 25.8.1997.

método da psicologia clínica, quer em uma ou outra técnica específica de psicodiagnóstico (técnicas diretivas ou não diretivas; testes psicológicos, observações livres, entrevistas, questionários...), quer no conjunto de todas elas. Na verdade, proponho pensarmos em um sistema de pensamento psicodiagnóstico característico e específico utilizado o tempo todo pela psicologia aplicada – não só pela psicologia clínica.

Assim proponho algo bem mais abrangente que a idéia de alguns autores, como a de Trinca a respeito do "pensamento clínico em diagnóstico de personalidade" (Trinca, 1983). Muito mais do que isto, uma forma, estrutura, sistema, esquema ou processo de pensamento utilizado em toda a psicologia aplicada quando busca conhecer e intervir sobre seu objeto de interesse nas diferentes áreas de atuação aplicada: clínica, escolar, industrial, institucional e grupal. Em todas elas, o psicólogo está sempre efetuando psicodiagnóstico em seu objeto humano de estudo e intervenção, seja este objeto abordado como indivíduo ou grupo, ou instituição ou comunidade, seja ele referido a uma ou mais das categorias gerais de enfoque, como desenvolvimento, aprendizagem, cognição-inteligência, perceptomotricidade, personalidade, sociabilidade, criatividade etc.

Sou psicóloga clínica e psicanalista, sempre trabalhei sobretudo na clínica, mas tenho tido oportunidade, em meu percurso profissional, de atuar, além do atendimento individual, diretamente e como supervisora, tanto na clínica particular como na instituição pública, como nas instituições educacionais de formação, com as áreas mais variadas: grupos e famílias das mais diversas configurações de queixa e problemática, e, fora da psicologia clínica, com instituições e comunidades diversas.

Assim, tenho observado, desde 1970, que o que nós psicólogos exercitamos e usamos na psicologia aplicada, sempre, o tempo todo, quer estejamos na clínica, na escola, na instituição a mais diversa – do hospital à escola, à indústria, às varas judiciárias –, quer estejamos dentro da comunidade ou da casa de família, em todas estas situações, utilizamos o que eu chamarei, provisoriamente, de forma psicodiagnóstica de pensamento.

O psicólogo exerce um atividade de pensamento, uma forma de abordar seu objeto, que eu chamaria de psicodiagnóstica. Afirmo que isto define e diferencia a nossa ciência das outras, no momento em que abordamos, entramos em contato com qualquer clientela, em qualquer tipo de ambiente, em qualquer situação, até em situação normal de vida como, por exemplo, ao se entrar numa família. O tempo todo, nossa mente aborda o objeto de um modo que eu chamaria de processo psicodiagnóstico de pensamento, sistema, forma, estrutura ou esquema de pensamento psicodiagnóstico, que se desencadeia imediatamente na mente do profissional.

Não precisa ser aquele clássico processo psicodiagnóstico, no qual se faz uma entrevista para saber o que se passa com uma pessoa, após a própria pessoa ou a

Respeitadas as diferenças individuais em potencialidade, temos que, para um psicólogo em formação, o aprendizado e exercício intenso de métodos psicodiagnósticos tradicionais – a saber as técnicas de psicometria clássica, as técnicas diversas de entrevistas, questionários e inventários, bem como as variadas técnicas projetivas – dará a ele um treino indispensável para a construção e desenvolvimento em sua cognição de um pensamento psicodiagnóstico complexo, que o favorecerá em qualquer outro tipo de exercício de pensamento na área da psicologia aplicada ao humano, mesmo as aparentemente mais intuitivas e compreensivas, que habitualmente dizemos depender exclusivamente das capacidades para o sentir e para o *insight*.

O que ocorre é que no salto cognitivo, dado pelo pensamento do profissional em questão, ficou lá "esquecida" sua pré-história de ensaio e erro, de comparação por semelhança e contigüidade, de analogia e classificação, de análise e síntese, de raciocínio indutivo e dedutivo, que só podem ter sido exercitados mediante o treino árduo e obsessivo dos métodos mais psicométricos ou diretivos possíveis. Vejamos que o próprio Freud, criador da psicanálise, descobriu os pilares da teoria e do método psicanalítico com base na análise meticulosa e pormenorizada, para não dizer mesmo obsessiva, dos seus próprios sonhos e dos sonhos de seus pacientes – exemplo ímpar são os sonhos de Dora –, dos atos falhos e dos sintomas (Freud, 1900, 1901, 1905). Só a partir daí é que, dada a largada da psicanálise, foi possível chegar à metodologia atual de investigação e tratamento. E penso, só começando por aí os estudos de um futuro psicanalista, ele poderá vir a chegar a sê-lo.

Temos que, para o psicólogo, é passo indispensável e insubstituível a aprendizagem de aplicação de testes dirigidos, da análise minuciosa de seus itens e sub-itens, da comparação dos mesmos entre si, da confrontação destes com os dados históricos de entrevistas abertas e/ou dirigidas, bem como com dados atuais de observação, até o estabelecimento da capacidade de chegar a uma síntese conclusiva integrada e coerente em si mesma e com os dados da realidade. Durante o tempo todo, e cada vez mais, vai o aprendiz usando nisto o aspecto intelectivo de sua cognição, que cada vez mais vai ficando subjacente até alcançar altos níveis de *insight* e intuição, aparentemente independentes da cognição intelectiva. A intuição e o *insight* não são apenas a rapidez com que se juntam e compõem os dados exercitados anteriormente, eles dependem do registro afetivo concomitante, que será o facilitador desta integração.

Tal aprendizagem, podemos chamá-la deste modo, é condição para que o profissional não só venha a ter domínio completo dos diversos métodos e técnicas disponíveis em sua ciência e profissão, mas, sobretudo, para que seja propiciada a posterior transferência deste aprendizado para métodos de abordagem do objeto cada vez menos diretivos, cada vez mais subjetivos, visando cada vez mais conteúdos mais profundos da mente, com o mesmo tipo de pensamento, só que em águas

Pode-se proceder a um psicodiagnóstico tradicional respeitando o Sujeito, que só pode ser concebido como Sujeito humano se em referência a uma noção dada até então pela filosofia e pelas ciências humanas, pela psicologia, pela psicanálise... Qualquer inovação (estudo da psicologia das vidas passadas, estudos psico-astrológicos etc.) devem vir à guisa de um trabalho sério e meticuloso, tal qual Freud procedeu, e serem submetidos à prova de realidade e à crítica feroz da comunidade científica, até serem aceitos como um dos corpos teóricos e práticos reconhecidos como possíveis dentro de nossa área de conhecimento.

Não se perde o Sujeito ao compará-lo às normas, como muitos radicalmente o querem. Pois sempre encontramos, com qualquer dos métodos psicodiagnósticos, assim declarados ou não (pois insisto aqui que psicodiagnóstico é toda e qualquer ação aplicada da psicologia ao humano), sempre descobrimos a irredutibilidade e a irreprodutibilidade típicas do Sujeito, sua sutileza e especificidade. Se assim o quisermos.

Há ainda muito estudo sério a se fazer em nossa área, de modo a entendermos cada vez melhor o que acontece, desenvolvendo cada vez mais bons métodos novos, sem execrar irresponsavelmente métodos antigos de nossa ciência, ou que simplesmente não combinem com a nossa preferência. Apenas mediante a pesquisa aplicada séria e responsável, podemos dispensar um método anteriormente comprovado. Não estou sequer me referindo à pesquisa científica tradicional, mas à investigação clínica atenta, empenhada e fecunda.

Assim, não devemos propor a nossos estudantes de psicologia que abandonem o estudo dos antigos métodos e técnicas em prol apenas dos mais novos, pois estaremos incentivando-os a se distanciarem da psicologia. E outros infalivelmente ocuparão o lugar deles, o nosso lugar, nas áreas de conhecimento e no mercado. Como tem acontecido. Os métodos e visões novas devem nos enriquecer cada vez mais, desde que estejamos previamente preparados, em nossos esquemas de pensar pelo exercício prévio e persistente dos métodos antigos.

Tarefa árdua esta que a psicologia aplicada tem por fazer, em sua função sempre em essência psicodiagnóstica. Tarefa de apreender e encapsular por momentos o espírito humano, que, no momento seguinte, já nos escapa fugidiamente sendo algo mais. É esse o trabalho que o pensamento psicodiagnóstico precisa fazer. Descobrir um sujeito, que se imponha como tal, o "objeto inteiro" da psicanálise (Trinca, 1983), que, a partir de dados esparsos diversos, se revela e se constrói dentro de nós psicólogos "psicodiagnosticadores", com toda nossa cognição intelectiva e emocional. O objeto desta psicologia, para mim, é um Sujeito a ser apreendido em sua singularidade subjetiva (Bucher, 1981).

Proponho entendermos o pensamento clínico como um pensamento psicodiagnóstico contínuo e fluído, intrinsecamente um processo cognitivo que é tanto intelectivo quanto emocional. Pessoalmente, não gosto muito do termo

Ainda mais, haverá sempre casos e situações, tanto na clínica, na escola, na indústria e em todas as instituições e grupos sociais, que nos desafiarão tanto que necessitaremos voltar ao modo manual, tradicional, de fazer as coisas, para recuperarmos nossa capacidade cognitiva e chegarmos a uma síntese satisfatória, mesmo que momentânea. Para fazer novas descobertas, diante de situações novas é preciso muitas vezes retomar os métodos antigos, revisar os mais novos, para encontrar uma saída ainda mais nova. E, mesmo, perante situações conhecidas, para mantermos nosso nível alcançado de pensamento psicodiagnóstico, é preciso às vezes voltar ao humilde exercício de um aprendiz.

Caso contrário, o ato psicodiagnóstico, característico de toda abordagem psicológica, poderá perder-se em especulações infundadas, as mais absurdas, que acabam por colocar em descrédito a psicologia, quer para os cientistas e profissionais de outras áreas, como para o público em geral. Não somos nada mais que aplicadores de uma ciência humana multifacetada, porém integrada. Possuímos um sistema próprio de pensamento, um esquema de cognição específico e, com todo o respeito, devemos zelar por ele.

Referências bibliográficas

BUCHER, Richard (1981). Psicologia científica: realidade ou mito*?*. In *Psicologia: Ciência e Profissão*. (1): 11-37.

FREUD, Sigmund (1900). *A interpretação dos sonhos*. *E.S.B*. Rio de Janeiro: Imago, 1972.

____ (1901[1976]). Psicopatologia da vida cotidiana. Op. cit.

____ (1905[1972]). Fragmento da análise de um caso de histeria. Op. cit.

____ (1936[1975]). Análise terminável e interminável. Op. cit.

TRINCA, Walter (1983). *O pensamento clínico em diagnóstico de personalidade*. Petrópolis: Vozes.

Resumos

La autora propone el psicodiagnóstico como el método psicodiagnóstico de pensamiento. *Es forma de pensamiento propia y específia del psicólogo aplicado, que es aquí llamado esquema, estructura, sistema o proceso de pensamiento. El* pensamiento psicodiagnóstico es *proceso cognitivo, el cual, así es tanto intelectivo cuanto afectivo. Cognición es mas que inteligencia y cualquier cognición es antes actitud afectiva*

Palabras llave: Psicodiagnóstico, método, pensamiento, cognición

Le psychodiagnostic est proposée comme le méthode psychodiagnostic du pensée. C'est la façon du pensée propre et spécifique du psychologue appliqué, qui c'est ici nommé schéma, structure, système ou procès de pensée. Le pensée psychodiagnostic est